

galicia

rias galegas

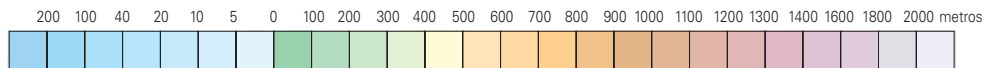


galicia
o bom caminho

 XUNTA
DE GALICIA

XUNTA DE GALICIA

Coblenz-Stéphane Allier / J. Maquet Bernis/idee



POSTOS DE TURISMO DA XUNTA DE GALICIA

A CORUÑA
 A Coruña:
 Dársena de la Marina, s/n
 15001 A Coruña
 T.: 981 221 822

Ferrol:
 Edif. Admto. Praza Camilo José Cela
 Esq. Rúa de Vigo
 15402 Ferrol
 T.: 981 311 179 / 981 337 131

***Ribeira:**
 Avda. do Malecón, 3
 15960 Ribeira
 T.: 981 873 007

Santiago de Compostela:
 Rúa do Vilar, 30-32
 15705 Santiago de Compostela
 T.: 902 332 010 / 981 576 586



Estrada Santiago-Noia, Km. 3 - A Barcia
 15896 Santiago de Compostela
 A Coruña - España
 T.: +34 981 542 500 / 902 200 432
 F.: +34 981 542 659
 http://www.turgalicia.es
 e-mail: cir.turgalicia@xunta.es

LUGO
 Lugo:
 Praza Maior, 27-29 (Galerías)
 27001 Lugo
 T.: 982 231 361

***Lugo-Fielato:**
 Porta da Estación (Muralla)
 27001 Lugo

OURENSE
 Ourense:
 Edif. "Caseta do Legoeiro"
 Ponte Romana
 Enlace N-120 con Rúa Progreso
 32003 Ourense
 T.: 988 372 020

***A Gudiña:**
 Casa da Viúva
 Avda. Beato Sebastián de Aparicio, s/n
 32540 A Gudiña
 T.: 988 594 003

O Carballiño:
 CENTRO COMARCAL DO CARBALLIÑO
 Avda de Pontevedra, N-541 Km. 27
 32500 O Carballiño
 T.: 988 530 252

MADRID
 C/ Casado del Alisal, 8
 28014 Madrid
 T.: 915 954 214

BUENOS AIRES
 Bartolomé Mitre 2550
 C1039AAP Buenos Aires (Argentina)
 T.: (5411) 4951-6671
 (5411) 4952-3993
 *Aberta só no verán

OUTROS ORGANISMOS
 Dirección Xeral de Turismo:
 (Consellería de Innovación e Industria)
 Praza de Mazarelos, 15
 15705 Santiago de Compostela
 (A Coruña)
 T.: 981 546 351 - F.: 981 546 356

Servizo Provincial de Turismo da Coruña
 Praza Luis Seoane, s/n
 Edificio Servizos Múltiples
 15008 A Coruña
 T.: 981 184 680 - F.: 981 184 678

Servizo Provincial de Turismo de Lugo
 Edificio Administrativo da Xunta de Galicia
 Ronda da Muralla, 70-4ª planta
 27003 Lugo
 T.: 982 294 651 - F.: 982 29 4238

Servizo Provincial de Turismo de Ourense
 Avda. de la Habana, 79-4º
 32004 Ourense
 T.: 988 386 041 - F.: 988 386 043

Servizo Provincial de Turismo de Pontevedra
 Rúa Benito Corbal, 47-3º
 36001 Pontevedra
 T.: 986 805 573 - F.: 986 805 575

Capital de municipio
 Paróquia
 Outras poboacións

Auto-estrada
 Via rápida
 Rede de estradas do Estado
 Rede de alta capacidade
 Rede autonómica básica
 Rede autonómica complementar
 Rede autonómica secundaria
 Rede provincial
 Outras estradas
 C.F. de via larga
 C.F. de via estreita

Jazida arqueolóxica
 Conxunto histórico
 Castelo
 Torre
 Paço
 Ponte
 Catedral
 Mosteiro
 Basílicas, igrexa de interese
 Museo
 Porto con instalacións náuticas
 Outros portos
 Outras instalacións
 Farol
 Aeroporto

índice

4 Introducción

6 Rías Baixas

8 Ría de Vigo

12 Ría de Pontevedra

16 Ría de Arousa

20 Ría de Muros e Noia

24 Rías da Costa da Morte

26 Ría de Corcubión

28 Ría de Camariñas

30 Ría de Corme e Laxe

32 Golfo Ártabro

34 Ría da Coruña

38 Rías de Ares e Betanzos

42 Ría de Ferrol

46 Rías Altas

48 Ría de Cedeira

50 Ría de Ortigueira

52 Ría do Barqueiro

54 Ría de Viveiro

56 Ría de Foz

58 Ría de Ribadeo



Fos do Rio Minho, A Guarda (Pontevedra)



Caión (A Coruña)



AS RIAS GALEGAS

O rasgo mais singular da costa da Galiza é a presença das rias. Trata-se de braços de mar que se introduzem no continente, criando um litoral recortado. Na sua origem, umas rias viram-se favorecidas pela existência de uma importante rede de fracturas de desagregação, que facilitaram a penetração do mar e marcaram o seu desenho, como no caso das Rias Baixas; outras correspondem à parte inferior de antigos vales fluviais alagados, como sucede com as rias de Ortigueira, Ribadeo, Foz ou Ferrol e as terceiras, como a Ria de Arousa, são antigas fossas tectónicas. Todas albergam no seu interior uma ampla gama de paisagens que são fruto tanto dos factores do meio natural como, de maneira especial, do trabalho secular de homens e mulheres ao longo da história.

A diversidade das rochas, que introduz numerosos matizes nas paisagens galegas, adquire nas rias rasgos peculiares. Tanto o granito como as rochas de xisto ou xistosas proporcionam uma tonalidade diferente à beira-mar, especialmente ao entardecer, quando o sol se oculta no horizonte, criando uma autêntica cavalgada de cores, de tonalidades, de ambientes... As cores avermelhadas do crepúsculo criam um cenário mágico ao fundir-se com as tonalidades alaranjadas que adquirem certos tipos de granitos ou com o prateado das lousas.

Mas não só a rocha se converte em protagonista na costa. Também o clima, que nos oferece em qualquer estação do ano dias de luz diáfana e brilhante, que realça as formas, mostrando-as ao visitante ou, especialmente durante o Outono e o Inverno, dias cobertos por uma capa de névoa que, ao difuminá-las, cria ambientes misteriosos, cheios de uma teatralidade e de uma beleza que impressionam o visitante. Por isso, as rias são dignas de serem visitadas em qualquer época do ano.

No entanto, as paisagens das rias não se explicam apenas em referência ao natural. É necessário compreendê-las também nos seus aspectos humanos, analisando o trabalho de transformação de séculos de história; o lavrar a terra; o aproveitamento dos recursos do mar; a construção de aldeias, vilas e cidades na franja marítima; o traçar de caminhos e portos; sendas e campos de cultivo. Um trabalho de séculos de luta e dependência dos recursos e, ao mesmo tempo, de domesticação do meio natural, que trouxe consigo um amplo mosaico de estampas cromáticas.

Esta simbiose entre o homem e o meio criou, sem dúvida, algo irrepetível: uma sociedade que construiu para si, ao longo de milhares de anos, um mundo diferente, um mundo mítico e mágico presente em lendas e tradições, em festas religiosas ou pagãs; um mundo vertebrado por um discurso e por um idioma próprios que, indissolavelmente unidos a uma natureza privilegiada, sobreviveram até aos nossos dias.

Porque os galegos souberam extrair da terra e do mar, as suas duas despensas, os produtos mais esquisitos: umas oitenta variedades de peixes, uma dezena de variedades de crustáceos, mais do dobro de moluscos de concha, quinze variedades de carne, sem contar a caça, dezena e meia de variedades de verduras e hortaliças, uma dezena de variedades de vinho, frutas, etc...

Dentro desta Galiza única mas plural nos seus hábitos, espaços e costumes, as rias oferecem possivelmente a aventura mais completa para o viajante. Ao longo dos 1.400 km de costa existem quilómetros de areais –772 praias– ou de espectaculares falésias, que se convertem na porta de entrada da Galiza mais profunda. Porque as Rias Galegas são caminhos do mar que confluem sempre em caminhos de terra, por vezes largos –em forma de auto-estradas, autovias ou estradas– mas por vezes em simples sendeiros pedestres que conduzem o visitante atento e curioso às humildes casas de camponeses ou pescadores, ou aos sumptuosos paços de aldeia; a pequenas capelas ou a mosteiros monumentais; às festas e aos bailes populares; enfim, à Galiza misteriosa.

Por outra parte, não podemos esquecer que na Galiza a terra e o mar nunca foram fronteiras. Desde o século IX, o Caminho de Santiago, o Caminho Francígena de que rezam as Crónicas, ensinou-nos o que é a Hospitalidade, e nesta escola de afecto e generosidade temos vivido há mais de mil anos. Este sentimento está hoje racionalizado, convertido em infra-estruturas industriais e em serviços, mas mantém na maioria dos casos o aroma da velha hospitalidade.

Os galegos, institucionalmente ou em privado, levaram a cabo um enorme esforço a pensar no visitante para lhe poder oferecer uma ampla gama de hotéis, balneários ou casas de turismo rural; de portos desportivos, campos de golfe ou espaços para a realização de congressos.

Tudo para que os que nos visitem possam desfrutar de uma terra privilegiada, de um autêntico PÓRTICO DA GLÓRIA.





Ilhas Cies, Parque Nacional das Ilhas Atlânticas (Pontevedra)



Illa de San Simón; Ponte de Rande (Pontevedra)

As denominadas Rias Baixas situam-se entre Baiona e Fisterra. São as de maior extensão, estendendo-se de maneira uniforme de sudoeste a nordeste. Delas fazem parte as rias de Vigo, Pontevedra, Arousa e Muros-Noia.

No seu litoral recortado, as zonas de costa escarpada, rochosa e brava encontram-se unidas a amplos areais aos quais é possível aceder desde terra, através da ampla rede de estradas, ou por mar, aproveitando os numerosos portos.

Do ponto de vista climático são de destacar as temperaturas suaves durante boa parte do ano, e as precipitações abundantes durante o Outono e o Inverno. Estas condições climáticas propiciam o desenvolvimento de amplas massas florestais cheias de verdura, que o viajante encontra a cada passo.

O território existente nas ribeiras divide-se assim em espaços cobertos de árvores que se unem aos campos de cultivo em que os pomares, as hortas e os vinhedos rodeiam aldeias, vilas e cidades, dando lugar a uma paisagem alegre e variada.

A riqueza e variedade do meio natural une-se a ampla gama de produtos do mar e da terra, de peixes, mariscos e vinhos, que fazem a delícia de qualquer gastrónomo, e que se podem apreciar tanto nas cidades mais importantes, como Vigo ou Pontevedra, como nas numerosas vilas piscatórias.

O amante da arte encontrará nas Rias Baixas numerosos lugares em que demorar o olhar: castros, igrejas românicas, góticas ou barrocas. Paços ou magníficos museus, como os que se encontram em Pontevedra, Vigo ou Bueu, podem ser visitados em função do tempo disponível.

Além disso, as festas e as romarias que têm lugar ao longo do ano, especialmente durante o Verão, permitirão ao visitante mergulhar nas profundezas das tradições e das crenças galegas.

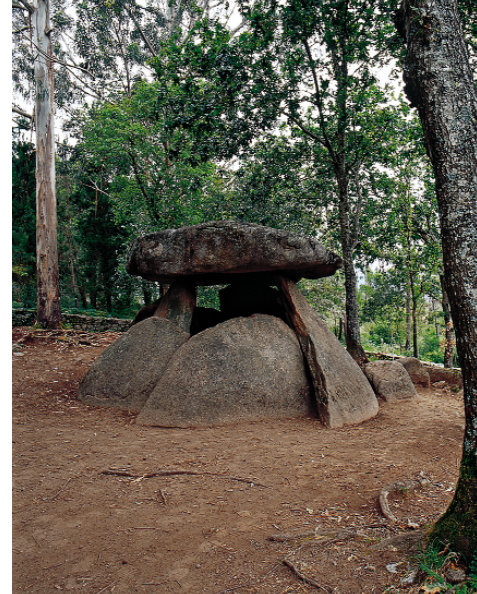
Portonovo, Sanxenxo (Pontevedra)



Espigueiro, Combarro, Poio (Pontevedra)



Louro, Muros (A Coruña)



Dólmen de Axeitos, Ribeira (A Coruña)



Ponte, Pontevedra



Cruceiro do Hío, Cangas (Pontevedra)



Museu do Mar, Vigo (Pontevedra)

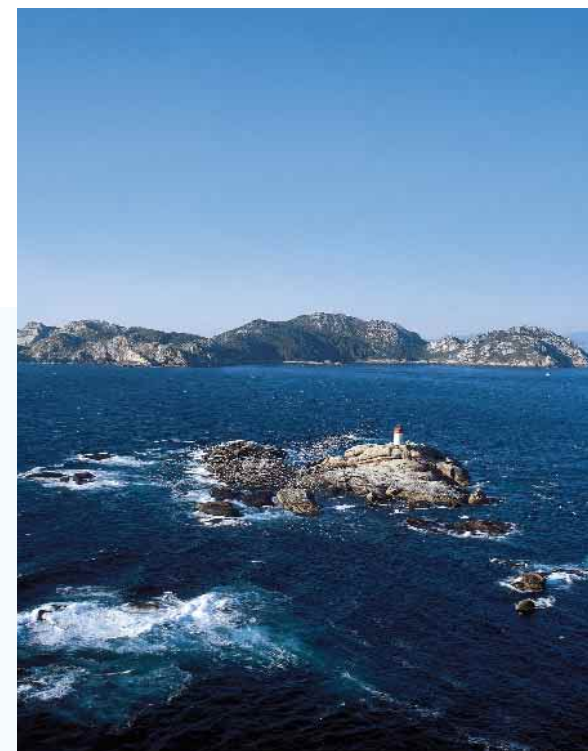




Vista aérea desde mar aberto (Ilhas Cíes)

A Ria de Vigo estende-se de sudoeste a nordeste, como uma lança marinha que se vai estreitando à medida que caminhamos para o interior. No entanto, apresenta uma acentuada diferença em relação às outras rias do sul da Galiza. Enquanto que as rias de Muros, Arousa ou Pontevedra se estreitam no fundo, a de Vigo fá-lo em Rande para voltar a abrir-se novamente, formando a Enseada de San Simón com a ilha do mesmo nome unida a terra durante a maré baixa por uma língua de areia.

À entrada da ria de Vigo, como três naves pétreas varadas no oceano, encontram-se las Ilhas Cíes que, junto com as Ons, a Ilha de Sálvora e a Ilha de Cortegada, formam o Parque Nacional das Ilhas Atlânticas.



Ilhote Boeiro, ou Agoeiro-Cíes e face sul da Ilha de San Martiño

Ría de Vigo



Ilha do Faro desde Punta Príncipe (Ilhas Cíes)



Ilhas Cíes, Vigo (Pontevedra)



Templo Votivo do Mar, Nigrán (Pontevedra)



Baiona (Pontevedra)

As Cíes apresentam formas diferenciadas de oeste a este. Para poente aparece uma linha de costa brava, inacessível, com impressionantes alcantilados em que se abriam numerosas baías e grutas –furnas– nas quais fazem ninho uma grande variedade de animais. Pelo contrário, para o interior da ria o relevo é mais suave, com menores inclinações, o que deu origem à formação de formosas praias em que a areia se mistura com os restos das conchas. É precisamente neste sector protegido que se podem admirar interessantes amostras da flora atlântica, entre cujas espécies se destaca a *camariña*.

As Cíes, às quais é possível o acesso desde Vigo a um número limitado de pessoas por viagem, destacam-se não apenas pelo seu interesse natural, mas também protegem parcialmente a ria dos fortes temporais atlânticos, permitindo que numerosas *bateias* –viveiros de mexilhões– povoem as suas águas.

A Ria de Vigo, devido à sua situação privilegiada, alberga não apenas a cidade que lhe dá o nome, um dos melhores portos da Europa, mas também outros lugares com uma longa e rica história; não podemos esquecer que a ria foi um importante eixo comercial desde os tempos pré-históricos.



Praia América, Nigrán (Pontevedra)

Dizia o viajante G. Borrow que Vigo era a feliz combinação de uma baía “*que não tem comparação no mundo*”. O desenvolvimento sofrido a partir de finais do século dezanove trouxe consigo a génese de uma ampla infra-estrutura industrial marítima –estaleiros, fábricas de conservas, porto de pesca, etc.– que a converteu na cidade mais povoada da Galiza. Vigo conta com esplêndidos parques, museus –contemporâneo, museu do mar, zoológico...– e praias. Vigo conserva a pequena e marítima zona velha de O Berbés, em vias de reabilitação, e o parque de Castrelos que é, sem dúvida, o mais formoso parque urbano da Galiza. Neste recinto está situado o Paço Museu de Quiñones de León, hoje Museu Municipal

Na margem sul da ria de Vigo abre-se a enseada de Baiona, na qual desagua o rio Miñor. Nas suas extremidades encontram-se os portos de Panxón e Baiona, ligados pelos areais de A Ramallosa e de Praia América. Em Baiona, hoje um centro turístico de primeira categoria, concentrou-se durante vários séculos o comércio da zona, até que se produziu o desenvolvimento espectacular de Vigo. Baiona foi um centro mercantil muito importante durante a Idade Média, e continua a ser um dos refúgios mais conhecidos e frequentados pelas embarcações que percorrem as costas galegas.



Praça da Europa, Vigo (Pontevedra)

Ría de Vigo



Praia da Barra, Cangas (Pontevedra)



Ría de Vigo

Em Março de 1493 chegou à vila a caravela A Pinta, sob as ordens de Pinzón e pilotada pelo pontevedrés Sarmiento. No interior da vila existem belas igrejas, destacando-se a antiga colegiada.

Na margem setentrional da ria situa-se Cangas, uma vila de grande crescimento económico, que ainda conserva as suas ruas tradicionais e os seus velhos costumes, tal como Moaña, outra formosa estampa marítima.

Para nordeste, a ria estreita-se em Rande, onde é atravessada pela auto-estrada que une Vigo com o Norte da Galiza através de uma espectacular ponte suspensa, como uma grande *bateia*, que se confunde harmoniosamente com as que cobrem a superfície da ria à sua volta. Depois de Rande encontra-se Redondela, vila marcada pelo caminho de ferro e pelas suas pontes de ferro.

Ao fundo da ria encontra-se Ponte Sampaio, nome de conotações libertadoras –pela batalha que terminou com o domínio francês em 1809– e Arcade, outrora um dos viveiros de ostras mais importantes da Europa.



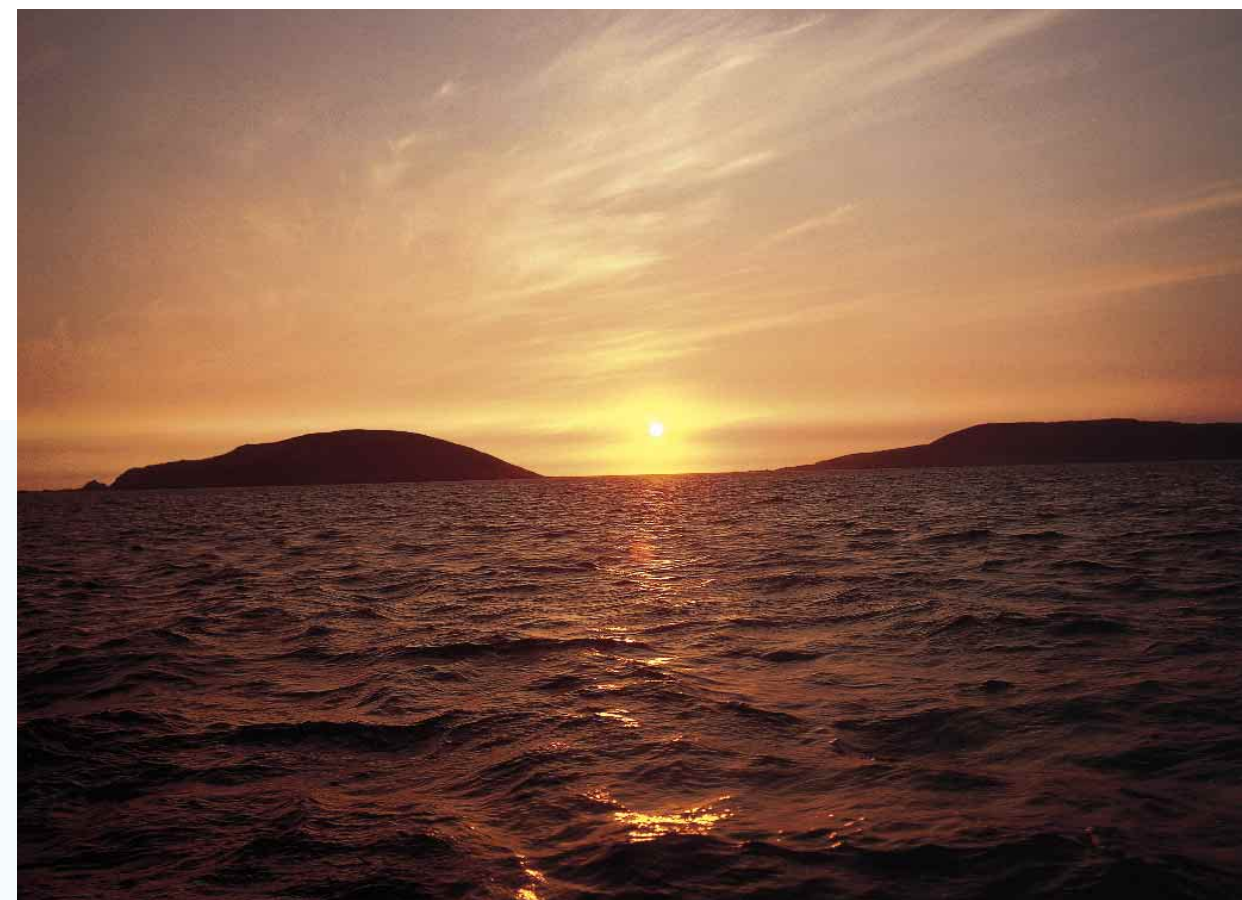
Ponte Sampaio, Pontevedra

A ria de Pontevedra abre-se entre a Punta de Cabicastro, situada a oeste da Praia de Canelas, a norte, e a Punta Centoleira, a sul. O seu vértice mais oriental é mais difícil de assinalar, devido à desembocadura do rio Lérez, mas podemos situá-lo na cidade de Pontevedra, onde o rio se une ao mar, a uns 14 km da boca da ria, cuja forma é a de outra cunha perfeita de água do mar, que se adentra no continente seguindo a direcção sudoeste-nordeste.

Relativamente perto da costa, na entrada da Ria de Pontevedra, situam-se as Ilhas de Ons, habitadas desde a antiguidade. De formas mais suaves que as Cíes, as Ons apresentam tal como as primeiras um perfil litoral cheio de contrastes, menos abrupto para o interior da ria, e dominado pelas falésias a oeste, em que uma vez mais encontramos *furnas*, como a espectacular Cova do Inferno. E, tal como nas Cíes, em Ons a fauna encontra um lugar privilegiado. Mas nas Ons a presença humana foi historicamente superior, tendo as ilhas estado habitadas até aos anos cinquenta do século vinte. Actualmente, a maior parte da povoação vive na ilha unicamente no Verão.

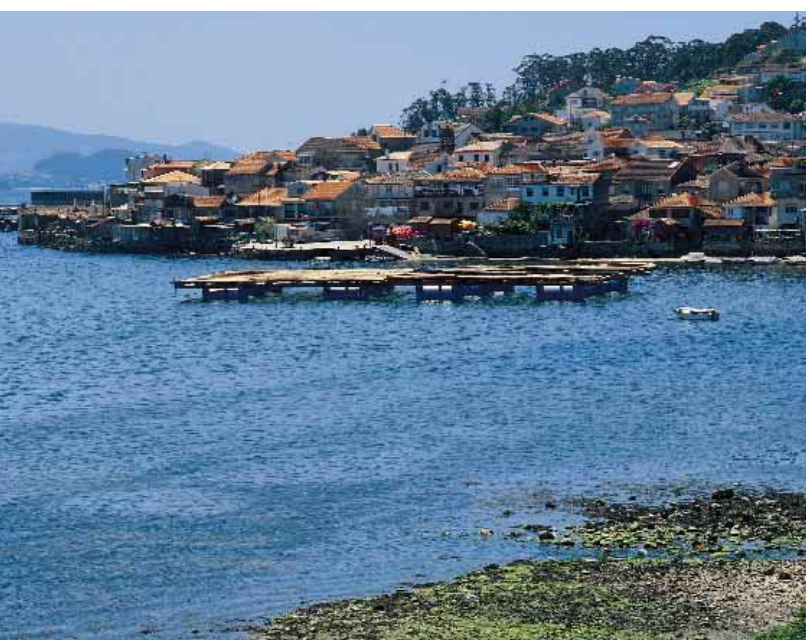


Portonovo, Sanxenxo (Pontevedra)



Estreito entre as ilhas de Ons e Onza

Ría de Pontevedra



Combarro, Poio (Pontevedra)

Na ria de Pontevedra e nas suas ribeiras, a arte e a história combinam-se para o prazer do viajante. Nas suas margens situam-se formosas cidades como Pontevedra; mosteiros, como o de Poio ou, um pouco mais longe, Armenteira; vilas como Marín, que combina a sua vocação militar com a pesca, ou Bueu, vila claramente piscatória e mariscadora; centros turísticos e residenciais como Sanxenxo, Portonovo ou San Vicente de O Grove; povos pitorescos como Aldán –situado no fundo da sua pequena enseada, apêndice da de Pontevedra–, Raxó, Combarro ou Mogor.



Farol e costa ocidental da Ilha de Ons



Praza da Leña, Pontevedra

Pontevedra, a capital provincial, é uma cidade equilibrada, sem gigantismos urbanísticos, que combina o encanto do passado na sua ampla parte antiga, felizmente respeitada pelo desenvolvimento actual. No seu interior surgem belas igrejas como as ruínas de Santo Domingo, São Francisco, Santa María a Maior, A Peregrina e um Museu Provincial que, possivelmente, é o mais visitado da Galiza pela riqueza do seu espólio. Pontevedra foi pátria de grandes marinheiros (Sarmiento, Nodales, etc.) que descobriram terras para Espanha.

Muito perto encontra-se Marín, uma vila moderna, com escassos vestígios do passado. No cimo do monte situado às suas costas encontra-se um mirante que permite contemplar as rias de Vigo e de Pontevedra.

A riqueza de areais é grande dentro da ria, destacando-se Sanxenxo pela sua importância turística, cuja povoação se multiplica no Verão. As novas construções, no entanto, apagaram os restos da povoação antiga. Tudo em Sanxenxo é moderno.



Ruínas de Sto. Domingo, Pontevedra



A Peregrina (Pontevedra)



Vista aérea, A Lanzada (Pontevedra)

O contrário ocorreu na praia de A Lanzada, um areal com mais de 4 km, pertencente aos municípios de O Grove e Sanxenxo, onde a regeneração do sistema de dunas propiciou a existência de uma das praias mais visitadas da Galiza. Associadas a esta praia aparecem belas lendas, como a dos banhos de “nove ondas” para encontrar parceiro ou parceira, e para assegurar a descendência. E nas suas margens situa-se a Ermida de Santa María da Lanzada e a Torre da Lanzada, possivelmente vestígio de um antigo farol.

Mais a Oeste encontra-se O Grove, uma vila que fez da gastronomia marinha um culto que se pode “praticar” nos diferentes tascos, tavernas e restaurantes que oferecem os mais esquisitos mariscos e peixes.

E, a modo de apêndice, encontra-se a ilha de A Toxa, um esplêndido recinto que conta com magníficas instalações hoteleiras, construídas no início do século. Das noites de A Toxa dizia Álvaro Cunqueiro que existe “*um silêncio estranho e consolado, apenas perturbado pelo vento nos pinheiros ou pelo canto do mar na vizinha Lanzada*”.

Ría de Pontevedra



Sanxenxo (Pontevedra)



Ermida de A Lanzada

O Grove (Pontevedra)



Vista aérea, Vilanova de Arousa (Pontevedra)

A ria de Arousa é a mais extensa das Rias Baixas. A sua boca abre-se entre as pontas Covasa, ao Norte, e San Vicente, ao Sul. Mais rectangular que as suas vizinhas, devido à sua origem de bloco fundido, oferece formas contrastadas. A Norte é limitada de forma nítida pela Serra do Barbanza; e pelo Sul aparece rodeada pelas suaves terras planas de O Salnés.

No seu interior são numerosas as ilhas e ilhotes de uma extraordinária beleza, destacando-se a Ilha de Sálvora à sua entrada, a Ilha de Arousa no sector central e a de Cortegada ao fundo, em contacto com a boca do rio Ulla, por terras de Carril. Esta última foi doada no início do século XX para ser residência do rei Alfonso XIII.

Ría de Arousa



Rianxo (A Coruña)



Ilha de Sálvora

O perfil sinuoso de Arousa propicia a existência de um grande número de enseadas e de penínsulas que favoreceram o assentamento de numerosas vilas piscatórias como Aguiño, Ribeira, A Pobra do Caramiñal, Boiro e Rianxo, na vertente Norte e Carril, Vilagarcía, Vilaxoán, Vilanova, Cambados e O Grove, a Sul. Na confluência com o rio Ulla, Catoira e no centro da ria a vila da Ilha de Arousa.

Encontramo-nos numa área em que a beleza natural se combina com o desenvolvimento



Pazo Torre Xunqueira, A Pobra do Caramiñal (A Coruña)

económico, embora nem sempre em harmonia com a arte e com a tradição. Do primeiro são exemplo as suas ilhas, as suas numerosas praias, as serras do seu entorno, como a de O Barbanza, ou os tramos inferiores dos rios que desembocam na ria, como o de As Pedras, o Ulla ou o Umia, sem nos esquecermos no maravilhoso complexo de lagoas e dunas de Corrubedo, actualmente Parque Natural, que se encontra na Península que separa as rias de Arousa e Muros-Noia.

A amplitude da ria de Arousa fez com que esta fosse, desde a antiguidade, uma via aberta para as invasões, como o demonstram as Torres de Oeste, em Catoira, levantadas para a defesa do rio Ulla do ataque dos normandos e dos árabes, mas também para o comércio.

Do ponto de vista económico é interessante destacar que a riqueza de Arousa não se reduz ao



Torres de Oeste, Catoira (Pontevedra)

sector marisqueiro, à pesca, à aquacultura ou à indústria conserveira. É também de grande importância o sector vinícola, em que se destaca o Albariño, sem dúvida um dos melhores vinhos brancos do mundo.

Primeiro Carril e, mais tarde, Vilagarcía de Arousa, foram localidades que conheceram um desenvolvimento económico extraordinário, uma vez que assumiram as funções de portos das terras de Santiago. Vilanova de Arousa e Cambados, na mesma ribeira, mais a Sul, junto com Rianxo, Boiro, A Pobra do Caramiñal e Ribeira, situadas a Norte, desenvolveram-se mais recentemente.

Vilagarcía de Arousa é um importante porto comercial e pesqueiro com uma extraordinária actividade económica, que veio substituir Carril no papel promotor que esta localidade tinha exercido até ao século XIX. É o centro nevrálgico da comarca do Salnés, famosa pelo seu vinho com denominação de origem Rias Baixas.

Em O Salnés destaca-se ainda Cambados, vila senhorial na qual se podem apreciar casas brasonadas e a extraordinária praça de Fefiñáns, ladeada pelo paço dos Figueroa e pela igreja de San Benito, do século XVI. Trata-se de um lugar que se recomenda percorrer a pé para que o viajante o possa admirar com a merecida atenção. É também considerada a capital do Albariño.

Situada na ribeira Norte, A Pobra do Caramiñal é uma vila senhorial com casas brasonadas e castelos, como as Torres da Xunqueira. Sobre a vila paira a sombra imortal de Valle-Inclán, que tanto a cantou nas suas obras.

Na mesma ribeira, encontramos Santa Uxía de Ribeira, cidade com um extraordinário desenvolvimento económico, baseado no sector da pesca. No seu interior conserva ainda alguns restos da velha vila piscatória, e muito perto encontra-se o Parque Natural das Dunas de Corrubedo.



Cabío, A Pobra do Caramiñal (A Coruña)



Parque Natural de Corrubedo, Ribeira (A Coruña)

Ría de Arousa



Pazo Fefiñáns, Cambados (Pontevedra)



Parque Natural de Corrubedo, Ribeira (A Coruña)

No Parque Natural de Corrubedo é possível observar a combinação de diferentes elementos. Junto ao mar a extensa praia, em que sobressaem algumas formações graníticas. Se caminharmos para o interior encontraremos em primeiro lugar um sistema de dunas fixado pela vegetação em que se destacam as formas de pináculo; depois, um amplo corredor intra-dunar e a seguir a duna móvel que, com um quilómetro de comprimento e uns vinte metros de altura, se move ritmicamente empurrada pelos ventos de sudoeste e de nordeste. Este jogo de ventos faz com que a sua mobilidade se veja circunscrita a um espaço concreto sem que se produzam grandes deslocamentos.

Passada a duna móvel, estende-se, de um lado, um amplo manto eólico e para o nordeste a área hidromórfica da Lagoa de Carregal que, junto com a de Vixán, situada um pouco mais ao Sul, se convertem em lugares de grande interesse no que respeita à sua fauna, em especial à ornitologia.



Ría de Muros e Noia (A Coruña)

A Ria de Muros e Noia estende-se, como o resto das Rias Baixas, na direcção sudoeste a nordeste, na forma de uma fenda aberta no meio de rochas graníticas. No seu conjunto, observa-se claramente um acentuado contraste entre o seu sector setentrional, mais quebrado, com numerosas reentrâncias e saliências, e o sector meridional, mais rectilíneo e aberto, de formas mais suaves.

As rochas graníticas condicionam a maior parte das paisagens. Este facto é ainda mais visível na zona de Baroña, na margem meridional da ria, e em Monte Louro, na zona setentrional.

Em Baroña, muito próximo de Porto do Son, os muros de pedra do castro ali situado deste tempos remotos confundem-se com as lajes abertas pelo tempo. No Monte Louro, próximo a Muros, uma extensa gama de formas geométricas sobressai nas ladeiras, como se um escultor as tivesse ordenado de maneira racional para que os amantes das longas caminhadas as contemplem. Aos seus pés, unida a um extenso areal coberto de dunas, o visitante pode admirar uma das lagoas costeiras mais formosas da Galiza.

Ría de Muros e Noia



Lagoa de Louro, Muros (A Coruña)



Fachada da igrexa de San Martiño, Noia (A Coruña)

Na margem setentrional da ria situa-se Muros; ao fundo, Noia. Trata-se de duas vilas senhoriais construídas em pedra granítica, igual –ou semelhante– àquela com que as ondas e os ventos lavraram as formas de Baroña ou de Louro, ou as arribas escarpadas que contornam o mar.

Muros é uma localidade aberta ao mar desde as suas origens medievais, e conserva ainda as suas típicas praças e ruas, e um magnífico templo paroquial, a antiga colegiada de Santa Maria. O recém-chegado encontrará *ruas* estreitas e sinuosas, que confluem em pequenas praças rodeadas de acolhedores arcos. Ao deambular por elas pode sentir-se o calor da história passada, escrita por personagens anónimos, por artistas, escritores ou pilotos.



Castro de Baroña, Porto do Son (A Coruña)



Vista aérea, Noia (A Coruña)

Ao fundo da ria situa-se Noia. As raízes medievais manifestam-se também na estrutura da vila: ruas estreitas, arcos, casas senhoriais. A sua história começa quando Fernando II decretou o traslado da vila desde o lugar da Barquiña à sua situação actual. A lenda, no entanto, diz que foi Noé quem fundou a vila, o que ficou materializado no seu escudo de armas. No interior da vila destacam-se a Igreja de San Martiño, do século XV, ou o convento de San Francisco, ao lado da actual Alameda.

A ria, acolhe ainda nas suas margens outros núcleos de interesse. Na margem meridional situa-se Porto do Son, formosa vila que conserva ainda uma grande parte do saber marinho das suas gentes, e Portosín, com o seu importante porto desportivo.

Ría de Muros e Noia



Louro, Muros (A Coruña)



Muros (A Coruña)



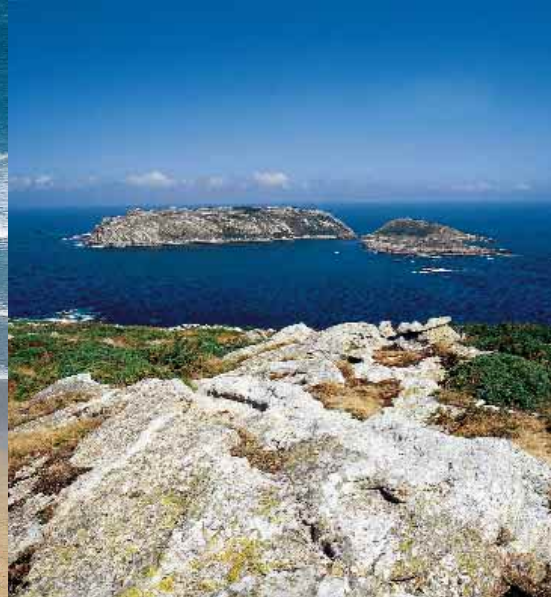
Muros (A Coruña)



Portosín, Porto do Son (A Coruña)



Praia de Caión (A Coruña)



Illas Sisargas (A Coruña)



Punta Nariga, Malpica (A Coruña)



Mais além da ria de Muros, em especial a norte de Fisterra, estende-se um troço de costa brava e variada. No meio de tramos de costa rectilíneos, nos quais se encadeiam amplos areais, como Carnota, Razo, O Rosto ou Baldaio, erguem-se abruptas falésias, como as de Cabo Vilán ou do Roncudo, ou abrem-se pequenas rias, como as de Corcubión, Camariñas ou as de Corme e Laxe. Na costa, muito perto de terra, situam-se algumas ilhas, como as Sisargas.

Rí­as da Costa da Morte

O apelido de Costa da Morte provém do trágico facto de que centos de barcos encalharam nas suas águas pouco baixas e pedregosas, ficando sepultados pelas suas águas, o que deu origem a um rio de lendas sobre naufrágios que perdura na memória colectiva das gentes.

Nas suas praias é ainda possível encontrar a solidão, com um mar bravo e forte como testemunha. As pequenas serras que se elevam na costa abrigam aldeias de uma beleza extraordinária que, vistas desde longe, parecem minúsculas manchas de cor pintadas nas ladeiras.

O viajante que se aproxima à Costa da Morte, seja por terra ou por mar, encontrará uma paisagem marcada pelos contrastes. Encontrará pequenas rias e minúsculas enseadas, e amplos areais a que se juntam impressionantes paisagens pétreas, entre as que sobressaem o Monte Pindo ou os Montes de Traba; caminhará entre campos de milho que o envolvem com o seu manto de verdura, e nos que se distinguem os hórreos (espigueiros), alguns de bela construção, como os de Carnota, Lira ou Moraime.

Além disso, o amante da natureza poderá admirar lagoas, protegidas por amplos complexos de dunas, como as de Xuño, Traba ou de Baldaio, cuja fauna e flora as converte em lugares privilegiados.

Mas a Costa da Morte é também sinónimo de intensa religiosidade, monopolizada pela Virgen del Carmen, em todos e cada um dos portos pesqueiros, o Santo Cristo de Fisterra ou a Virxe da Barca, em Muxía. Folclore impregnado de almas penadas, que deambulam sem pausa em busca do descanso eterno.



Malpica (A Coruña)



Lagoa e areal de Baldaio, Carballo (A Coruña)

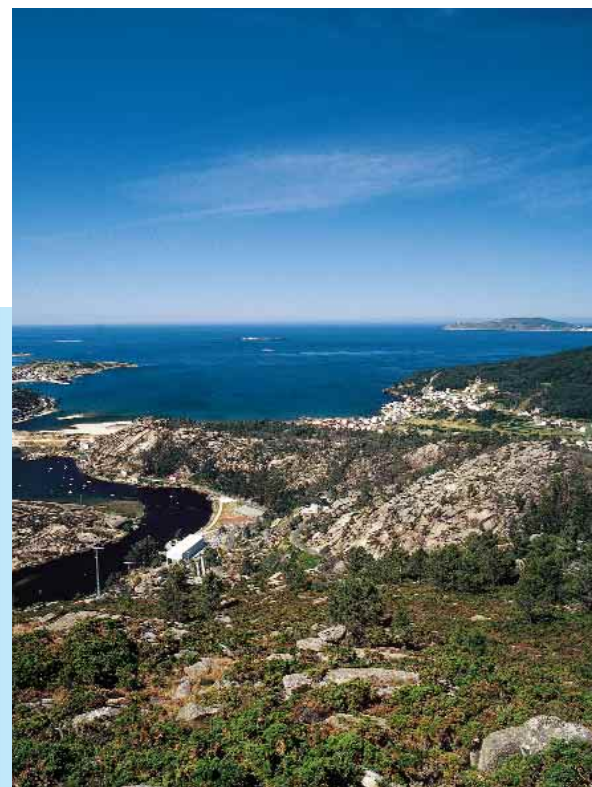
A Ria de Corcubión desenha uma forma de arco que se estende para o Sul. Apresenta uma forma aberta, sendo, na realidade, uma ampla enseada protegida pelo apêndice de pedra do Cabo Fisterra que, ao estender-se para o Sul, rodeia o espaço marinho.

As rochas graníticas voltam a condicionar a paisagem. As rochas manifestam-se de maneira nítida e, ao mesmo tempo, mutante. No Monte Pindo dominam as formas lavradas na rocha granítica –concretamente granodiorites–. Em poucos quilómetros encontram-se distribuídos picos rochosos, simulando afiados castelos, lajes alargadas, cúpulas arredondadas, figuras de seres fantásticos, pedregais... Além disso, desde o seu cimo, em A Moa, a mais de 600 metros de altura, contempla-se uma vista incrivelmente formosa, com a aldeia de O Pindo aos seus pés e o Cabo Fisterra ao fundo.

No meio desta paragem excepcional, precipitam-se as águas do rio Xallas. A Fervenza, em Ézaro, é sem dúvida um dos locais mais espectaculares da costa galega. A construção de barragens junto da sua foz, mais acima, apenas permite vê-la em funcionamento alguns dias por ano mas, apesar disso, é possível admirar uma paisagem de uma grande beleza.

Para Oeste, no Cabo Fisterra o granito é diferente e as formas também. A presença do mar e do farol que orienta com a sua luz e a sua sirene os navios para evitar mais tragédias, deu origem a um mundo de mitos e magia que entrelaçam no recinto de San Guillermo. Tudo conduz a que, como os antigos legionários de Roma, os viajantes que até ali se acercam esperem o momento mágico em que apareça o “raio verde”.

E, para o Sul, a pedra destruída pela passagem do tempo e transportada pelas águas acumula-se no areal de Carnota, o mais extenso da Galiza, com oito km de comprimento, que se estende entre as pontas de Caldebarcos e de Nosa Señora dos Remedios.



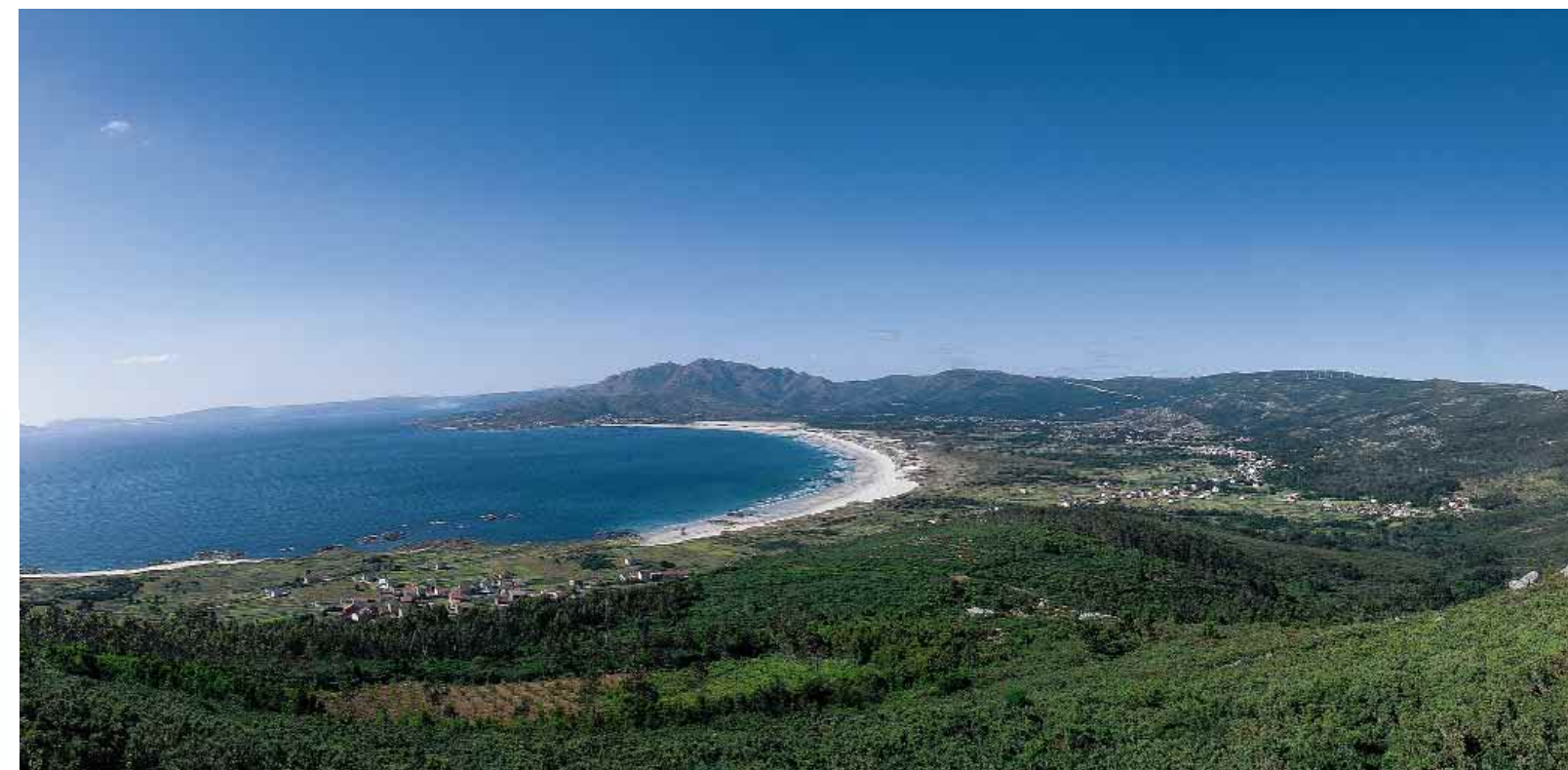
O Pindo, Carnota (A Coruña)

Ría de Corcubión



Vista aérea de Corcubión e Cee (A Coruña)

Farol de Fisterra (A Coruña)



Carnota e Monte Pindo (A Coruña)



Corcubión (A Coruña)

Espigueiro de Carnota (A Coruña)



Praia e dunas rodeiam áreas hidromórficas como a Boca do Rio, em que as formas graníticas sobressaem da água.

Em O Pindo e em Fisterra materializa-se a riquíssima etnografia da comarca. A *Ara Solis*, lugar de adoração do Sol, onde, segundo a lenda, as legiões romanas iam ver morrer cada tarde o Sol ou Duio, a antiga *Dugium*, com a sua lenda de horizontes de mar e de uma cidade inundada pelas águas, são alguns exemplos.

Por outra parte, a permanência de ritos de fertilidade nas pedras de Fisterra –o fim da terra e o começo do *mare tenebrosum* durante séculos para a nossa cultura– são rasgos que falam da prevalência das tradições nestes lugares.

Mas a pedra transforma-se pela mão do homem. Fruto desta transformação são as pequenas aldeias que salpicam o litoral, assim como as vilas de Fisterra, Corcubión e Cee. Piscatórias as duas primeiras, industrial a terceira, albergam no seu interior formosos edifícios em que se destacam as galerias envidraçadas ou os edifícios apoiados em arcos.



Ria de Camariñas (A Coruña)

Camariñas é un exemplo diferente de ria: pequena, recolhida, quase invisível no terreno. Os seus limites mais ocidentais são constituídos pelas formações pétreas: a Punta da Barca, no seu vértice meridional, e o Cabo Vilán, flanqueando a sua entrada pelo Norte. Para o interior a ria vai perdendo os seus rasgos marítimos para, em Ponte do Porto, se unir mansamente com as águas do rio Grande.

Na ria destacam-se os portos pesqueiros de Camariñas e Muxía, bem como os restos do antigo porto de Ponte do Porto. Nas suas vilas é possível admirar uma grande variedade de vivendas, algumas de pescadores, outras senhoriais, em que se combinam as sólidas varandas de ferro com galerias envidraçadas que sobressaem dos muros pintados de mil cores –as mesmos dos barcos ancorados nos seus portos– que rodeiam as estreitas e sinuosas ruas.

Aqui tudo está impregnado de mar, e até há relativamente pouco tempo era possível contemplar ainda antigas tradições, como a da seca do peixe ao sol. Por outro lado, a tradição das rendas renasceu, e o viajante que chegue com bom tempo a estes



Cabo Vilán, Camariñas (A Coruña)

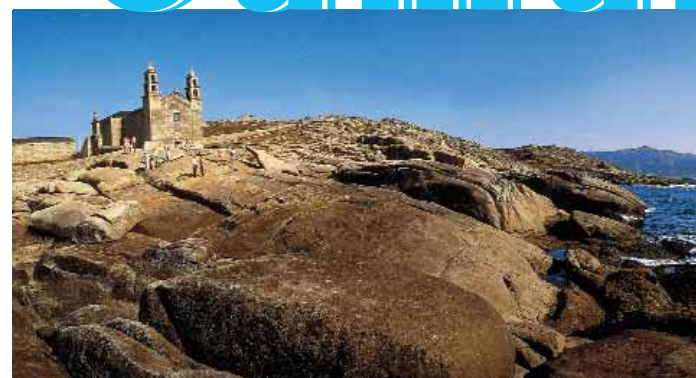
Ría de Camariñas



Camariñas (A Coruña)



Porto de Muxía (A Coruña)



Muxía (A Coruña)



Faro de Vilán, Camariñas (A Coruña)

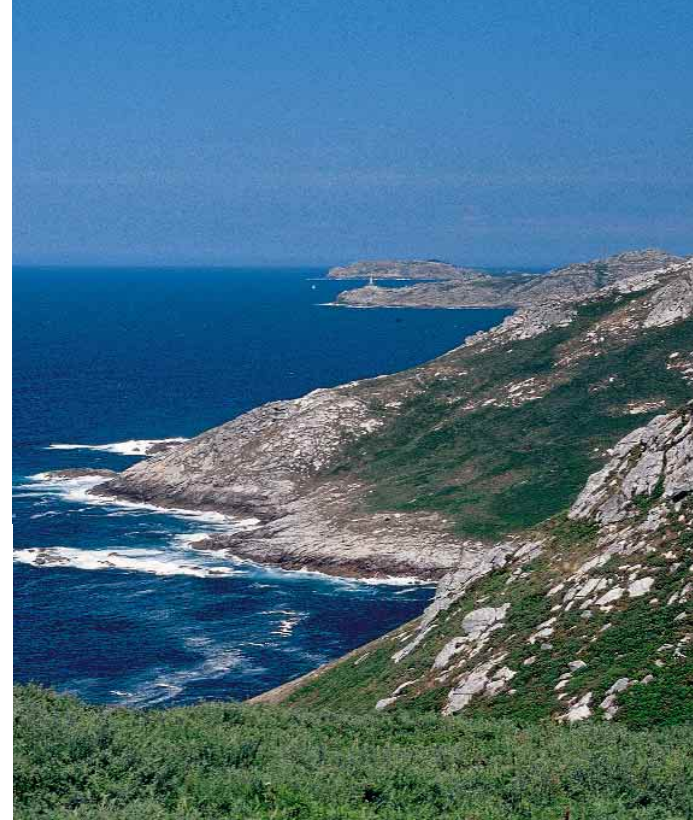
lugares poderá contemplar as *palilleiras* movendo os *bolillos* com autêntica maestria, e ver como vão crescendo, como por encanto, essas autênticas *filgranas*.

O folclore religioso está monopolizado pela devoção à Virxe da Barca. No seu santuário, em Muxía, situado num lugar marcado pelas rochas, frente ao mar bravo –calmo por vezes, outras furioso– reúnem-se cada ano milhares de romeiros que, ao mesmo tempo que se ajoelham perante a Virgem, seguem a tradição de passar por baixo da *Pedra dos Cadris* ou de tentar mover a actualmente partida *Pedra de Abalar*.

E se na Punta da Barca domina o sagrado; em cabo Vilán, limite setentrional da ria, o domínio é da natureza; os enormes farilhões escarpados que se adentram no oceano resistindo à investida das ondas e dos ventos. Desde o farol instalado neste lugar pode admirar-se outra extensa gama de paisagens marinhas, marcadas pelo azul do céu, a cor rosada das rochas e o branco queimado dos areais. Um autêntico paraíso selvagem.



Ría de Corme e Laxe (A Coruña)



Costa de Corme (A Coruña)



Traba, Laxe (A Coruña)

Mais para o Norte, o viajante encontra-se com a Ria de Corme e Laxe, que, como se de um monstro pré-histórico se tratasse, com uma ampla cabeça e uma estreita e retorcida cauda, entra pela terra seguindo o curso inferior do rio Anllóns.

Ao caminhar pelas suas margens podemos admirar outro sector marcado pela verticalidade de uma costa escarpada, rochosa, lavrada sobre granitos com as suas formas caprichosas, que parecem ter sido esculpidas pela mão paciente de algum ser misterioso. Cilindros que se introduzem nos *penedos*, ocos que parecem pias baptismais de igreja, ninhos como lavrados por um enxame de vespas... aglutinam-se para dar à paisagem uma sensação de mistério nesta parte da Costa da Morte. O entorno do Roncudo, por exemplo, é um bom lugar para o comprovar e, ao mesmo tempo, admirar uma paisagem camponesa a cavalo de verticais falésias.

Ría de Corme e Laxe

As vilas de Corme e Laxe, dois importantes portos de pesca, situam-se em ambas as margens da ria. Na primeira, onde sobressaem as actividades pesqueiras, destaca-se a estrutura fechada do seu núcleo e as suas ruas estreitas e empinadas, às que se assomam tanto novos edifícios como velhas casas de pescadores pintadas –como em muitos lugares da costa galega– de vivas cores. Em Laxe, mais comercial, é de destacar a sua igreja do século XIV, de belo traçado, e a Rúa Real, que conserva ainda vestígios do seu passado senhorial.

Ao fundo da ria, na foz do rio Anllóns, para além do Monte Blanco, outro lugar em que o vento e a água criaram uma espectacular paisagem arenosa, encontra-se Ponteceso. Neste lugar nasceu o poeta Pondal, que com grande mestria cantou não só estas terras, mas também compôs a formosa letra do Hino Galego, o *Fogar de Breogán*.



Porto de Corme, (A Coruña)



Laxe (A Coruña)

Igreja de Laxe (A Coruña)





Rio Mandeo, Betanzos (A Coruña)

As rias de A Coruña, Betanzos, Ares e Ferrol encontram-se situadas no noroeste da Galiza. No seu conjunto, esta zona é conhecida como Golfo Ártabro, nome proveniente dos habitantes que, antes da chegada dos romanos, habitavam estas paragens –o povo ártabro– e do porto que dominava este amplo conjunto de rias, o *Artaborum*

Portus.

As rias do Golfo Ártabro desenhavam parcialmente uma folha marinha que se incrusta em terra: a de Ferrol estende-se ligeiramente para Nordeste, tal como a de Ares, enquanto que as rias de Betanzos e A Coruña o fazem para o Sul.

Golfo Ártabro

No seu conjunto constituem uma unidade socio-económica que se assenta nas cidades de A Coruña e de Ferrol, apoiada por vilas de grande tradição como Sada, Betanzos, Pontedeume, Ares, Mugarbos, Fene, Neda ou Narón.

A riqueza das paisagens, motivada tanto pela presença do mar como pelo grande número de rios que nele desaguam, depois de atravessar profundas gargantas, convertem-nas em lugares privilegiados para o visitante.

A costa, em geral baixa e rochosa, encontra-se salpicada por numerosas praias muito bem dotadas. As numerosas vilas e aldeias que se estendem ao longo das suas ribeiras oferecem ao visitante a possibilidade de desfrutar tanto do banho como das visitas a numerosos centros históricos e a monumentos de interesse, bem como de provar uma variada gama de pratos típicos, em que o peixe e o marisco têm um papel primordial, junto com a doçaria.

Os castelos de San Antón e de Santa Cruz na ria de A Coruña, e de San Felipe e A Palma na de Ferrol; as igrejas românicas de Cambre, Bergondo ou Breamo; os paços de Meirás ou de Meirama; os mosteiros de Caaveiro ou Monfero, ou os conjuntos monumentais de Betanzos ou de Pontedeume são bons exemplos da riqueza artística das rias desta zona geográfica.



San Miguel de Breamo, Pontedeume (A Coruña)



Praia de Mera, Oleiros (A Coruña)



A Coruña



Porto de pesca e Avda. de La Marina (A Coruña)



Galerias da Avda. de la Marina (A Coruña)



Fonte e praia de Orzán (A Coruña)

A Ria da Coruña abre-se entre a Punta do Seixo Branco a Este e Punta Herminia a Oeste, estendendo-se para o Sul até à foz do rio Mero. A Oeste aparece flanqueada pela península em que assenta a cidade de A Coruña, enquanto a Este a ria contorna uma costa ondulante que se estende até Seixo Branco.

A intensa humanização do território manifesta-se na profunda transformação das ribeiras e no povoamento contínuo que tem como núcleo de atracção a cidade herculina, que estende os seus tentáculos económicos bastante mais para além da sua própria ria, convertendo-se, sem dúvida, na cidade mais importante do Noroeste da Galiza.

Abraçando a Torre de Hércules, um dos faróis mais formosos de Espanha e o mais antigo farol em funcionamento do mundo, a cidade de A Coruña abre-se ao mar por meio de uma sinfonia de madeira e vidro que a convertem na *Cidade de Vidro*. No seu interior, formosas fachadas lavradas em pedra, igrejas, palácios, *ruas* encantadoras que fazem as delícias de qualquer visitante.

Ría da Coruña



Torre de Hércules (A Coruña)



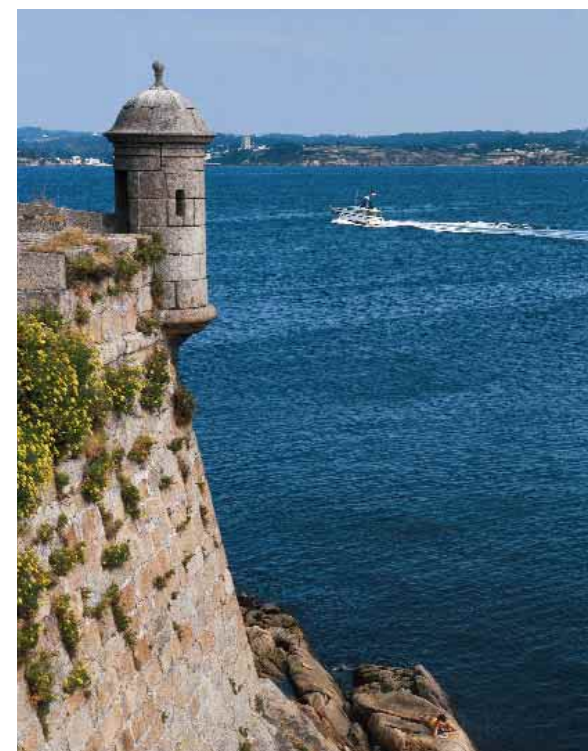
Parque Celta (A Coruña)



Palácio da Ópera (A Coruña)



Museu Arqueológico (A Coruña)



Castelo de San Antón (A Coruña)



Clube náutico e castelo de San Antón (A Coruña)

Ría da Coruña

Tudo nesta cidade evoca o mar. Vista desde o céu, parece que a cidade se vai desprender para voltar a converter-se na ilha que foi há milhares de anos. Desde a época romana a cidade viveu do comércio marítimo, e ainda há pouco mais de duzentos anos o mar lambia as velhas casas de A Mariña e Los Cantones. Os seus portos comercial, de pesca e desportivo reafirmam a sua vocação marítima.

O passeio marítimo não fez mais do que aproximar a cidade a esta varanda do Oceano que é o seu mar. A sua torre de Hércules é o logotipo em pedra para sempre guardado na retina de todos os que visitam esta cidade.

A ria era antigamente defendida pelos castelos de Santa Cruz, edificado no século XVII, no ilhéu com o seu nome, e pelo castelo de San Antón, construído no século XVI, e actualmente convertido em Museu Arqueológico de A Coruña.

O porto de A Coruña, que mantém a sua primazia no sector da pesca, especialmente na pesca de mar alto, que constituiu historicamente a sua principal fonte de ingressos, é também importante pela sua actividade comercial.



Aquário Finisterrae (A Coruña)



Vista aérea, Perbes-Miño (A Coruña)



La Terraza, Sada (A Coruña)

Rías de Ares

A Punta Coitelada, a Norte, e a Punta Torrella, a Sul, flanqueiam a entrada de um braço de mar que se introduz para Oeste dividindo-se em duas rias –uma para Nordeste, outra para o Sul–, que, como a ria de A Coruña, são de pequena extensão: são as rias de Ares e Betanzos.

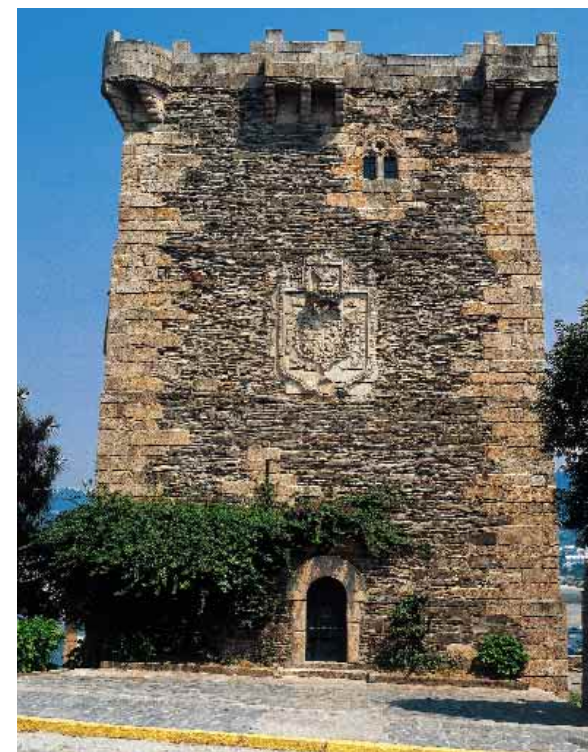
A sua situação, bem como a sua configuração fechada, deram origem à existência de umas condições climáticas privilegiadas, caracterizadas pela suavidade das suas temperaturas e por precipitações moderadas que explicam a importância que nas ribeiras adquirem os cultivos das hortas, ou a vinha.



Castelo dos Andrade, Pontedeume (A Coruña)

e Betanzos

Nestas terras, chamadas *As Mariñas*, combina-se na perfeição o desenvolvimento turístico com a melhor tradição histórica e artística, materializada nas zonas históricas de Betanzos ou Pontedeume, na Terraza de Sada, no voto de Chanteiro, iniciado no século XV, ou na igreja românica de Bergondo, testemunhos da pujança de umas terras em que se impuseram os brasões da casa dos Andrade.



Torre de Andrade, Pontedeume (A Coruña)

Betanzos ou Pontedeume constituem conjuntos de enorme interesse artístico, com centros históricos dignos de visitar, compostos por ruas estreitas e, em algumas partes, com arcos, aos quais se assomam formosos edifícios de granito, como igrejas ou fortalezas medievais, como Santa María do Azogue ou San Francisco, do século XIV, na primeira, ou o Torreón dos Andrade, construído entre 1370 e 1380, na segunda.

Redes oferece a silhueta única de uma povoação de pescadores virada para o mar, Ares é vila turística, tal como Sada que é também a capital do ócio da comarca, e possui as Torres de Meirás nos seus arredores, palácio outrora habitado por Doña Emilia Pardo Bazán e a seguir pelo general Franco, enquanto que Miño se converte cada ano em lugar de chegada de muitos visitantes em busca da sua praia.



Igreja de San Francisco, Betanzos (A Coruña)



Igreja de San Francisco. Sepulcro de Fernán Pérez de Andrade, Betanzos (A Coruña)



Santa María do Azogue, Betanzos (A Coruña)

Rías de Ares e Betanzos





Vista aérea, Ria de Ferrol (A Coruña)



Entrada da Ria de Ferrol (A Coruña)



Mugardos (A Coruña)

Ría de Ferrol



Ferrol (A Coruña)

Estendendo-se de Oeste a Este, a ria de Ferrol tem o perfil de uma espada marinha que se crava no continente. À sua foz, estreita, segue-se um estreito canhão que se abre a caminho da foz do rio Grande de Xubia, onde se volta a estreitar.

O cabo Prioriño e a Punta do Segaña são os seus limites mais ocidentais. Quando o navegante passa as pontas de Vispón e Redonda, a ria abre os seus horizontes e adquire uma forma ondulante, com as enseadas de O Baño, Mugardos e O Seixo na sua ribeira meridional e A Malata, Caranza e As Aceas na setentrional.

A configuração privilegiada da ria determinou a sua escolha como centro nevralgico da Marinha de Guerra espanhola no século XVII, facto que condicionou a sua vida económica. Foi necessário construir os castelos de San Carlos, San Cristóbal, San Felipe e de A Palma para a sua defesa. Destes apenas os dois últimos se conservam em bom estado.



Ferrol (A Coruña)

Na sua margem setentrional situa-se Ferrol, sobre um relevo plano que ascende suavemente para o Norte, entre os bairros de Canido e Serantes. O bairro da Magdalena, fruto do racionalismo urbanístico do séc. XVIII, adapta-se à geometria natural de linhas cruzadas. Cidade marítima e industrial, os seus melhores edifícios estão ligados à Armada.

Os estaleiros e os serviços de abastecimento da Marinha e os quartéis, converteram Ferrol no pólo de atracção da sua comarca que foi progressivamente perdendo os seus sinais de identidade. A mesma cidade, a partir do século XVIII, adquiriu uma racionalidade geométrica de que é exemplo o Bairro da Magdalena, ficando o velho Ferrol , íntimo e marítimo, cercado pela urbe.

A poucos quilómetros de Ferrol encontra-se a esplêndida praia de Doniños, voltada para o mar aberto. Junto a esta praia pode admirar-se a lagoa de Doniños, uma preciosa paisagem natural.

Em volta da ria, e apesar da sua intensa transformação, ainda é possível encontrar formosas estampas marítimas. É o caso das vilas de Mugar dos, que se estende com a forma arredondada da sua enseada, A Graña, Fene, Neda ou Narón que todavia conservam belos recantos. Outro tanto sucede com as aldeias com um passado ligado ao mar, como O Seixo, San Felipe ou Maniños.

Ría de Ferrol



Praia de Ponzos, Ferrol (A Coruña)



Praia de Doniños, Ferrol (A Coruña)



Ilha Coelleira, O Vicedo (Lugo)

Ao norte do Golfo Ártabro encontra-se um conjunto de pequenas rias que, pela sua situação geográfica, são consideradas como “Altas”. As mais ocidentais, Cedeira, Ortigueira, O Barqueiro e Viveiro, são mais amplas e apresentam zonas de costa escarpada e abrupta, embora no seu interior se encontrem esplêndidos areais como os de Vilarrube em Cedeira, Morouzos em Ortigueira ou o de Covas em Viveiro. As orientais são de menor tamanho, e o perfil da sua costa é mais suave.

Ao longa história, os habitantes situados nestas rias estiveram isolados de Santiago, centro histórico da Galiza, e das ligações terrestres com o interior da Península. Por este motivo abriram-se ao mar, a sua saída natural, e foram sempre portos de pesca, em especial dedicados à pesca da baleia e do atum, e núcleos fundamentais do comércio do linho e do cânhamo com os países bálticos. Isto explica a existência de aduanas em Viveiro no século XVI, e em Ribadeo, e a existência de uma escola de pilotos em Ribadeo, durante o século XIX.

A distância dos centros universitários determinou a criação do centro de Estudos de Gramática em Viveiro no século XVI, a denominada Escola da Natividade, e em Ribadeo no século XVIII. Vilas orgulhosas dos seus privilégios reais, Cedeira, Ortigueira, Viveiro e Ribadeo têm a sua origem na Idade Média.



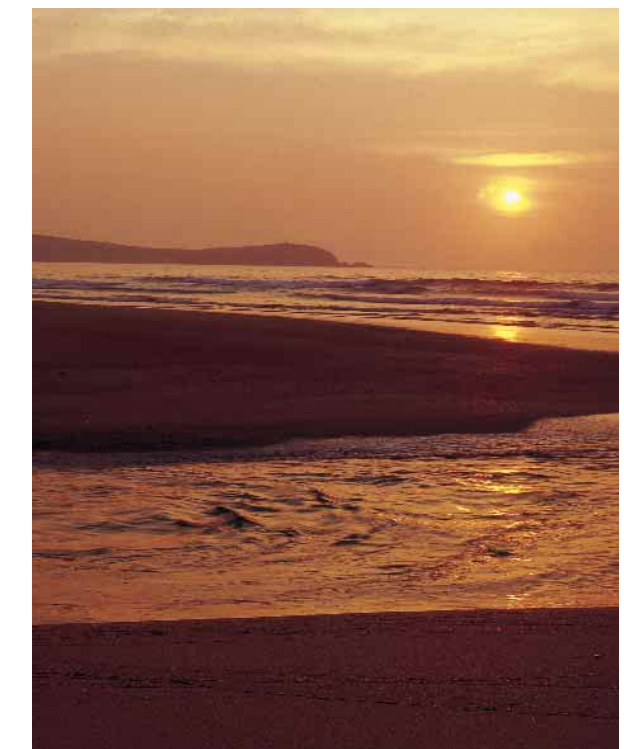
RÍAS Altas



Ría de Cedeira



Esteiro, Mañón (A Coruña)



Valdoviño (A Coruña)



Ria de Cedeira, (A Coruña)

A ria de Cedeira apresenta a forma de um duplo U, em cujo fundo se formaram os areais de San Isidro, para este, e de Vilarrube para o sul.

Entre a Punta Chirlateira e o areal de Vilarrube –uma dupla flecha de areia em que ainda se podem encontrar belíssimos conjuntos de dunas– na sua margem esquerda, os alcantilados que flanqueiam a península que forma o Monte Burneira são uma constante. Verticais na sua maioria, são o lugar seleccionado pelos amantes dos ventos e das ondas.

Na margem norte da ria, na foz do rio Condomiñas, situa-se Cedeira, que vive da pesca, do marisco e do turismo. As ruas que sobem pelas empinadas ladeiras albergam excelentes exemplos da belíssima arquitectura tradicional que dominava estas terras, e que se pode admirar em varandas e galerias.

Ría de Cedeira



Praia de Vilarrube, Cedeira (A Coruña)



San Andrés de Teixido, Cedeira (A Coruña)

Ao norte de Cedeira, a caminho dos Montes Eixil ou da Candieira e da Serra da Capelada, o litoral volta a erguer-se. As falésias são uma constante até alcançar a ria de Ortigueira. No meio desta paisagem profundamente bravia, encontra-se San Andrés de Teixido, um lugar inseparável de Cedeira, centro de interesse religioso e etnográfico da comarca pela sobrevivência de cultos animistas e pré-cristãos.

A “erva de namorar”, o culto das pedras e das águas são aqui evidentes. O Santuário de San Andrés de Teixido é visitado por milhares de peregrinos porque, segundo reza a lenda “a San Andrés de Teixido, vai em morto quem não foi em vivo”. Os romeiros depositavam pedras no caminho e colhiam a erva chamada “de namorar”.

A serra da Capelada destaca não apenas pelos seus impressionantes alcantilados –que alcançam os 612 m de altura em Vixía Herbeira– mas também pela sua riqueza geológica. Neste lugar podemos encontrar estratos de serpentinite ou eclogites, muito difíceis de ver no nosso planeta. Por este motivo a serra atrai, desde há muito, a atenção dos investigadores de todo o mundo.



Praia de Pantín, Cedeira (A Coruña)



Vista aérea, Loiba-Ortigueira (A Coruña)

Entre as pontas de Estaca de Bares, a norte, e o Cabo Ortegal, os vértices mais setentrionais da Península Ibérica “de fino e agudo desenho de lança” o primeiro e “abombado Ortegal”, o segundo, nas palavras de Otero Pedrayo, abre-se a foz da ampla ria de Ortigueira e do seu apêndice de Ladrado. Frente a este, a Ilha de San Vicente.

Este braço de mar, com a forma de um amplo leque que penetra para o sul, aparece encaixado entre a Serra da Capelada, a oeste, e a Serra da Faladoira, a este. A sul a ria converte-se em marisma à medida que se aproxima da foz dos rios Mera e Baleo.

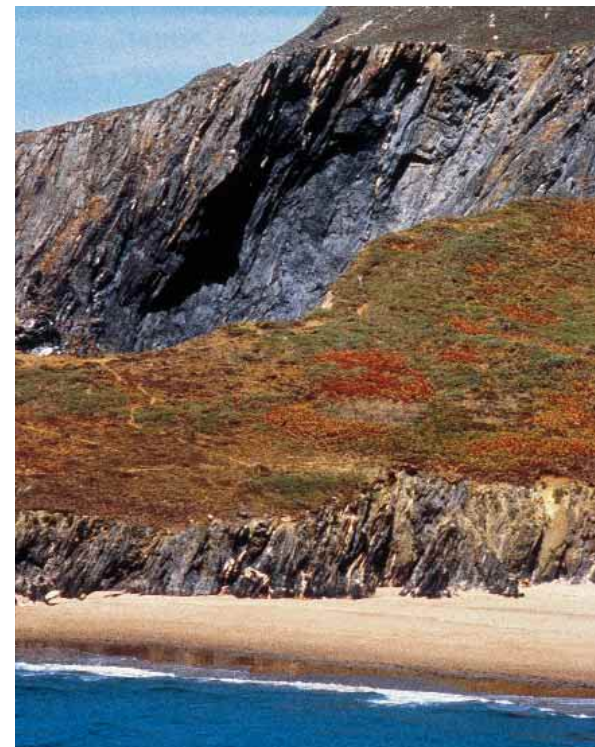
A suavidade das temperaturas ao longo do ano e a abundância de precipitações explicam a exuberante vegetação e a riqueza de macieiras que, na zona de Mera, se tornam um elemento característico da paisagem.

Nas vilas de Ortigueira, na margem oriental, e de Cariño, na ocidental, centra-se a actividade económica da comarca. A primeira, capital do antigo condado de origem medieval, é mais comercial e turística; a segunda, porto importante, vive da pesca e da sua transformação industrial. Junto a estas destaca-se o porto de Espasante, outro lugar em que a actividade pesqueira têm uma grande importância.

Ría de Ortigueira



Ría de Ortigueira (A Coruña)



Ortigueira (A Coruña)



Praia de Esteiro, Estaca de Bares (A Coruña)



Ría de Ortigueira, (A Coruña)

Ría do Barqueiro



Ría do Barqueiro



Ría do Barqueiro



Bares, Mañón (A Coruña)

A Ría do Barqueiro encontra-se muito bem delimitada, tanto a oriente como a ocidente. A oeste é flanqueada pela península de Bares, uma estreita franja de terra que se estende para o Oceano, onde constitui o seu vértice mais setentrional o Cabo de Estaca de Bares. Aqui, junto ao velho farol, encontra-se o primeiro parque eólico da Galiza. Perto, os velhos moinhos de água são um reflexo da sabedoria popular.

Desde o monte do Facho de Maeda, que se eleva a 331 metros, os amantes das caminhadas têm um mirante excepcional sobre o litoral cantábrico, que aqui tem o seu início. Se nos aproximarmos do lugar denominado Semáforo de Bares, uma antiga bateria costeira, podemos contemplar a foz da ria. Aos seus pés encontra-se Bares, pequeno e acolhedor porto marítimo com o seu *peirao* –molhe– ciclópico, cuja origem a tradição atribui aos fenícios e que, pelos restos arqueológicos encontrados, parece ser anterior à romanização (século I). Em frente, na zona oriental da foz da ria, situa-se a Ilha Coelleira, denominada *Cunicularia* na época medieval pela abundância de coelhos, e que actualmente é outro lugar privilegiado para contemplar a passagem das aves migratórias.

No interior da ria os portos de O Vicedo e O Barqueiro dão uma nota colorida e de calor humano. Ao fundo, onde as águas do rio Sor se confundem com as águas do mar, encontram-se a ilha e o lugar de Negradas, um bom exemplo de aldeia camponesa.

A vila de O Barqueiro é uma das estampas mais belas do litoral cantábrico. Está situada num suave anfiteatro aberto pelo rio Sor. As casas apinham-se trepando pelas empinadas ladeiras, e todo o conjunto é de uma beleza extraordinária.



Viveiro (Lugo)

Entre a Punta do Faro, a este, e a Punta Fuciño do Porco, a oeste, abre-se a foz da ria de Viveiro que, em forma de V, penetra para o sul, onde se funde com o vale do rio Landro, que se desliza pelo meio de empinadas ladeiras. O facto de se encontrar encaixada entre colinas facilita ao viajante a subida a várias delas para poder admirar o panorama. Assim, se subirmos ao Monte Faro ou ao Monte de San Roque, este último junto a uma bonita ermida, podemos contemplar em toda a sua amplitude as paisagens costeiras.

A ria e o seu entorno combinam elementos gratos a qualquer viajante. Não só é possível admirar a formosa e recatada vila de Viveiro, centro da actividade administrativa e comercial da comarca, e que guarda muitos dos restos do seu passado medieval, mas também é possível visitar o porto de pesca de Celeiro ou a praia de Area, onde a lenda nos fala da existência de uma cidade *asolagada* (submersa), como castigo pela sua resistência a aceitar a predicação do Evangelho do Apóstolo Santiago.

Ría de Viveiro



Porta de Carlos I, Viveiro (Lugo)



Igreja de San Francisco, Viveiro (Lugo)

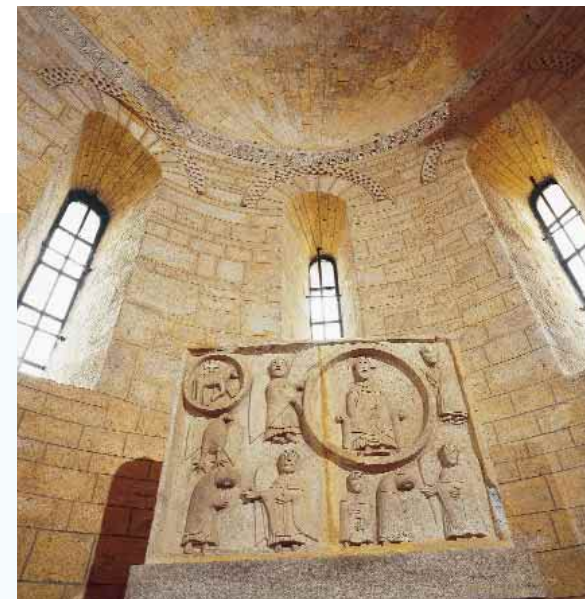
De origem medieval, Viveiro foi considerada por Molina no séc. XVI como “uma das gentis vilas deste Reino”. Vila comercial e pesqueira durante séculos, foi no séc. XIX um importante centro mineiro. Desde 1891 possui o título de cidade. O conjunto da sua parte antiga é um dos mais belos da Galiza.

Da sua antiga muralha, Viveiro conserva ainda três portas: a *Maior* ou *Porta do Castelo* (século XVI), declarada Monumento Nacional, a *do Valado* e a *da Vila*. No seu interior destaca-se a igreja românica de Santa María do Campo, do século XII, ou a igreja gótica de San Francisco, do século XIV. Nos arredores encontra-se San Pedro de Viveiro, antiga sede da cidade (Monumento Nacional); o Convento de Miraflores, ou o lugar de *O Naseiro*, onde tem lugar no final de Agosto uma típica romaria. Também nos arredores é possível admirar o bosque de Chavín, com os seus espectaculares eucaliptos.

Na margem ocidental da ria, Covas converteu-se numa zona residencial e turística, e os seus edifícios contrastam de maneira evidente com os do núcleo antigo da povoação.



Foz (Lugo)



Retábulo de pedra de San Martiño de Mondoñedo, Foz (Lugo)

A Ria de Foz não é mais que uma pequena pincelada marinha desenhada na planície costeira. No entanto, as amplas praias que a rodeiam convertem-na num lugar excepcional. Foz, como muitas outras vilas do norte peninsular, tem as suas raízes na Idade Média, mas foi nos últimos anos que conheceu um grande crescimento económico. Porto de pesca de estuário é uma das capitais mais significativas de A Mariña. Centro comercial e administrativo, converte-se durante o Verão num centro turístico de primeira categoria.

Perto de Foz, em San Martiño de Mondoñedo, ergue-se a basílica, hoje igreja paroquial, de grande interesse histórico e artístico. Fundada no século X, foi construída ao longo dos séculos XI a XIV, tendo sido a primeira sede do arcebispado de Dumio.

Ría de Foz



San Martiño de Mondoñedo, Foz (Lugo)



San Martiño de Mondoñedo, Foz (Lugo)



Foz (Lugo)



Ria de Ribadeo

A Ria de Ribadeo, onde desagua o Rio Eo, é a mais oriental das rias galegas, e une, mais do que separa, a Galiza das Astúrias. Com uma forma alongada que se estira de norte a sul, abrangendo os municípios de Ribadeo, na sua margem ocidental, e Castropol, na oriental.

As vilas de Figueras, Castropol e Vegadeo, na margem asturiana, e de Ribadeo, na galega, são o centro da vida das comarcas do Eo. Nelas se concentram as actividades comerciais e pesqueiras.

Ribadeo é um compêndio de história, desde a época medieval aos nossos dias. Sede episcopal da diocese de Mondoñedo durante a Idade Média, no séc. XVIII a poderosa burguesia deixou a sua marca urbanística na Vila. O palácio do primeiro Marquês de Sargadelos, poderoso industrial, é hoje a casa consistorial. Na Casa do Patín instalou-se a Escola de Náutica no século XIX. Actualmente, a vila é o centro comercial mais importante do norte. Das suas magníficas praias destaca-se a praia As Catedrais, assim denominada devido à estrutura das suas falésias, que se assemelham a arcos botantes góticos.

Ría de Ribadeo



Torre de Los Moreno, Ribadeo (Lugo)



Praia das Catedrais, Ribadeo (Lugo)

Neste lugar, e depois de uma primeira impressão de uniformidade, esconde-se o mais espectacular conjunto de *furnas* –grutas– marinhas da Galiza. As arribas verticais unem-se a pétreas colunas que servem de ante-sala a uma infinidade de grutas, por vezes ligadas entre si por profundos corredores. Um lugar digno de visita, e que serve de pórtico entrada ou de epílogo excepcional para qualquer visitante que por aqui entra na Galiza, ou que dela se despede.



Praia das Catedrais, Ribadeo (Lugo)



Ria de Ribadeo (Lugo)